

Esquerda — Não foi poupada pelo presidente Fernando Henrique, que fez uma longa reflexão sobre o assunto. Segundo ele, o governo não tem a intenção ou a pretensão de “esmagar” a oposição, um ponto que Cardoso revelou ser uma divergência antiga com alguns setores da esquerda. Esses setores, explicou o presidente, sempre quiseram manter uma “certa pureza ideológica” e, de tanto discutir apenas esse aspecto, “não mudaram as coisas”. “Essa discussão dividiu muito as esquerdas no Brasil”, avaliou. Cardoso reclamou dos que se opõem “mas nada propõem” e anunciou que, atualmente, o país vive um clima de “mutação cultural de hábitos, valores, crenças e sentimentos”. Para ele, muita gente que foi vanguarda no passado é, hoje, “a vanguarda do atraso”. “Os que ficam gritando pensando que são vanguarda, que estão defendendo o país, mas estão é atrelados ao passado, estão limitando o país.”

Tucanos — Um no cravo, dez na ferradura. Fernando Henrique nunca havia criticado publicamente o PSDB dessa forma: disse estar inconformado com a maneira envergonhada como os tucanos defendem a quebra dos monopólios e, como se não bastasse, conclamou o partido a empunhar “a bandeira das transformações” ao invés de “esconder a cabeça como um avestruz”. O presidente afirmou que o PSDB tem uma marca — “somos

social-democratas” — mas que não pode ficar preso ao governo. “Partido que precisa de *uma mão* do governo não é partido”, avisou. Atualmente, o principal desafio do PSDB, explicou Fernando Henrique, é o de aumentar suas bases sem, no entanto, perder sua identidade — um problema que, justamente, fez o PSDB surgir das entranhas do PMDB. Para Cardoso, porém, se há alguma novidade sobre a presença do PSDB no poder, essa novidade é a “configuração de um caminho para o país”.

Clientelismo — Fernando Henrique preconizou a “racionalidade” do governo para acabar com o clientelismo e a demagogia. Segundo ele, a reforma da administração pública irá “nos livrar” do clientelismo e fazer aquilo que o mercado não consegue fazer: justiça social. Ele lembrou que extinguiu dois ministérios — Integração Regional e Bem Estar Social — porque eles tinham se transformado em “balcões”. E mais uma vez lançou a responsabilidade nas costas de seu partido. “O PSDB não vai ganhar eleições porque teve o favor do presidente da República ou dos ministros do partido”, disse Fernando Henrique. “O PSDB tem que ganhar eleições porque tem competência”, completou. Não privilegiar os correligionários é, segundo Cardoso, “como cortar a própria pele”, já que existe uma cultura política sobre o assunto.

“Mas não fui eleito para fazer a minha pele, nem a do PSDB, mais bonita”, retrucou. “Não quero ter o poder de corromper.”

Alianças — Do centro-esquerda ao centro-direita. Assim definiu Fernando Henrique o perfil ideológico de sua base de sustentação política. Ele admitiu que o PSDB não ganhou sozinho a eleição para a Presidência da República — e que nem seria possível tomar essa decisão. Segundo o presidente, todos os que tentaram chegar sozinhos ao poder dentro da sociedade brasileira — marcada, de acordo com ele, pela diversidade — não conseguiram. “Não vou citar nomes”, se adiantou. Cardoso disse que o “arco de alianças” do governo visa o desenvolvimento sustentado e a justiça social e é formado por partidos “que se renovaram”. “Nós somos minoria no Congresso, precisávamos da aliança”, justificou.

Monopólio — “Quanta tinta já foi derramada para tentar confrontar minhas posições do passado em relação, por exemplo, ao monopólio do petróleo?”, questionou Fernando Henrique. Uma posição, aliás, defendida por seu pai, general Leônidas Cardoso. “Eu era jovem e fui tesoureiro do Centro de Estudos do Petróleo”, disse o presidente, referindo-se a uma instituição que foi o embrião do movimento *O petróleo é nosso*. Cardoso argumentou que, há 40 anos, os monopólios tinham um sentido es-

tratégico, mas que hoje, diante de uma economia globalizada, perdeu a razão de ser. “Hoje só quem ganha são os cartórios”, avisou. O presidente disse que o Brasil precisa aumentar sua base produtiva e, sozinho, o Estado não tem como gerar recursos sem aumentar impostos. “Há recursos privados nacionais e internacionais, por que não usá-los?”, questionou.

Real — Com o real, anunciou o presidente, foi feita “a maior distribuição de renda da história do país”. Fernando Henrique disse ter sido “duro” como os “demagogos” que pretendiam aumentar o salário mínimo sem levar em conta os custos da Previdência Social e, assim, melhorou a vida dos trabalhadores. “O que é moderno não é importar ou copiar, mas melhorar a condição de vida do povo”, disse. Segundo ele, a desindexação da economia irá fortalecer a moeda e garantir a estabilidade econômica. Citando dados do Ministério da Fazenda, Fernando Henrique revelou que, com a estabilização, os trabalhadores da economia informal estão ganhando mais do que os de carteira assinada — justamente porque estes têm a vida profissional atrelada às leis salariais. Sobre o real, Fernando Henrique afirmou que, já na campanha eleitoral do ano passado, “o povo percebeu que a moeda era um passaporte para o futuro”. “O povo aprendeu mais depressa do que os donos do poder e do dinheiro”, completou.